

O IDOSO EM CENA: CONTOS, LENDAS E PARLENDAS

Maria Jacira da Costa (G- UEMS)
Silvane Aparecida de Freitas (UEMS)

Resumo

Em nossa sociedade, o indivíduo idoso tem sido em geral esquecido, abandonado, estigmatizado. Ele não tem sido aceito como alguém produtivo, a família muitas vezes o rejeita; os mais novos, geralmente, se cansam do discurso nostálgico do idoso. Com o objetivo de dar voz e vez a esses sujeitos ouvimos e coletamos suas histórias tais como ditados populares, causos, parlandas e relatos folclóricos visando a contribuir para o resgate da cultura popular da geração desses idosos que passam de pai para filho mediante a cultura oral. No desenvolver desta pesquisa, pudemos observar que os idosos se revelam quase sempre instáveis, passando de uma atitude de mutismo habitual para uma situação de grande loquacidade, ou vice-versa, essa instabilidade reflete o processo de autodesvalorização, de subestima que constitui um dos estereótipos mais característicos do envelhecimento.

Palavras-chave: Idosos. Contos populares. Cultura. História.

Introdução

Sabemos que os idosos internos em uma instituição não governamental são pessoas que em muito já contribuíram para o desenvolvimento da sociedade, fizeram e fazem parte de nossa história. No entanto, ao final de sua vida, são abandonados, primeiramente, pela família e, em segundo lugar, por nós que nada fazemos para interagir, conhecer e valorizar as experiências vividas por esses sujeitos. Por isso, é de suma importância um projeto que visa ouvir, coletar as histórias de vidas desses sujeitos, pois, afinal, é de suma importância conhecer a história desses sujeitos sob o ponto de vista deles e não a contada por outrem.

As condições em que os idosos vivem na sociedade contemporânea permitem-nos caracterizá-los como um “grupo de minorias”, sujeito a um tratamento estigmatizado por parte da comunidade, a ponto de não conseguirem mais definir um papel social que lhes permita preservar a sua própria imagem social.

Assim sendo, defendemos o princípio de que é preciso deixá-los manifestar suas idéias, seus pensamentos, pontos de vistas. É preciso deixar que seus pensamentos, expectativas, sonhos e desejos fluam por meio da linguagem, por meio de seus relatos, sejam experiências de vida, sejam histórias populares, é preciso também que essas histórias sejam registradas, história de sujeitos anônimos, marginalizados, estigmatizados já que sua voz sempre foi silenciada, interdita nos documentos oficiais e nas representações que a sociedade brasileira faz desses sujeitos.

A ausência da família e a falta de políticas públicas marcam o drama desses idosos, a internação deveria ser o último dos recursos. O lugar do idoso deveria ser sempre na família e na comunidade, próximo às pessoas com as quais convive, o abatimento moral do idoso deixado em asilo é sempre muito grande, pois todos acabam com a sensação de abandono e depressão. Isso independente de ser colocado em instituições particulares ou beneficente.

Isso ocorre, sobretudo, devido ao fato de que as mudanças ocorridas no mundo no final do século XX, como a nova cultura, o uso de novas tecnologias e estruturas sociais,

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 246-253	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

acabou por causar instabilidade no trabalho, aumentando o desemprego desestruturando, assim, as famílias de baixa renda, causando com isso, constantes ameaças à vida humana, tendo entre essas ameaças o aumento da pobreza e da exclusão. Sobretudo a exclusão do idoso, que por ser considerado um inativo, não é considerado útil à sociedade, não se dá valor à sua sabedoria, à sua memória e experiência vivida (PEREIRA, 1992).

Nesse sentido, ao registrar os depoimentos desses idosos, sujeitos desta pesquisa sobre as histórias populares, contos folclóricos, provérbios, parlendas está-se também dando voz a esses sujeitos, bem como focalizando uma parte de sua história. Isso com o objetivo de mostrar que os idosos também participam da esfera cultural do nosso país, mesmo não tendo consciência de sua importância no contexto sócio-histórico em que está inserido.

Partindo desses princípios, pretendemos neste artigo refletir sobre a condição do idoso na sociedade atual, bem como destacar alguns fragmentos dos depoimentos dos internos do Asilo Santo Agostinho.

Assim sendo, neste Projeto ainda em andamento, por meio de entrevistas áudio-gravado, estamos em fase de coleta dos relatos dos idosos internos no Asilo Santo Agostinho. Para isso, utilizando-nos da Metodologia da História Oral, oportunizamos momentos de interação e descontração para que eles se sentissem à vontade para relatar sua sabedoria popular, relembassem suas histórias de vida, a cultura e os valores de seus antepassados.

1. A Valorização do idoso

O crescimento demográfico da população idosa é um dos motivos pelos quais o ser humano, independente de sua idade, deveria prestar mais atenção e se mostrar mais empenhado pela causa do envelhecimento. O envelhecer e o estado-de-ser-velho, hoje, embora em menor proporção, ainda é um tema muito difícil de ser encarado. É quase como se fosse uma doença, um mal seja para aqueles que são jovens, para aqueles que estão começando a envelhecer, ou mesmo para os que já se encontra na própria senescência. (COSTA, 1998, p. 17).

Nesse sentido, o Japão, país que durante anos tem levado o estandarte de respeitar e cuidar bem dos indivíduos com mais idade (inclusive, existe lá um feriado nacional denominado o “Dia do Idoso”), criou em 1985, por meio do Ministério da Saúde e Aposentadorias, um termo para designar a vida após os 50 anos: “Jitsunen”, que quer dizer “idade da fruição” (COSTA, 1998, p. 20). No entanto, sabemos que em nosso país, o idoso é muito das vezes esquecido, estigmatizado pela sociedade em geral.

A chamada “terceira idade” é para alguns um aprisionamento, um espaço da vida em que qualquer ato fecundo é impossível. Para outros é a conscientização de seu atual momento, que deve ser vivido com o mesmo amor e dedicação que vivenciou seus anos joviais. Para outras pessoas, essa fase vital é complexa, ora vista de maneira preconceituosa, ora analisada como uma conquista, um mérito por ter podido atingi-la e, ainda, poder usufruir dessa experiência (COSTA, 1998, p. 34).

Entendemos que a velhice é um conceito genérico e abstrato em que estão incluídas pessoas com 60 anos ou mais. O conceito de velhice passa a fazer sentido a partir do século XVII, com a inauguração da ciência do evolucionismo e está inserido num campo de valores, implicando uma ética, uma política e uma estética da existência. (DURIGAN & QUEIROZ, 2005, p. 114).

Desde 1919, a velhice vem sendo objeto de intervenção legal ou de tutela do Estado, que 'prescreve normas para serem seguidas pelos idosos em geral' (HADDAD, 1986, p. 18), mas, em 1974, surge a primeira medida que normatiza a prestação de 'assistência social' aos idosos beneficiários do então INPS, a que caberiam medidas de proteção 'para evitar a

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 246-253	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

marginalização dos idosos' (HADDAD, 1986, p. 63). Em leis posteriores (1979 e 1982, por exemplo), o discurso aponta para a integração social do idoso, a participação da família e a proposta de planos e programas para atendimento global.

Nesse sentido, encontramos no Estatuto do idoso (2003) a seguinte citação:

Art. 10. São obrigações do Estado e da sociedade, assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais garantidos na constituição e nas leis. 2º. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de valores, idéias e crenças, dos espaços e dos objetos pessoais.

O idoso em nossa sociedade tem se transformado num “peso morto”, por isso acaba-se “incluindo-o” em instituições estigmatizantes, marcadas por relações sociais impessoais ou despersonalizantes – os abrigos para idosos – e pelo mesmo discurso, já que mantém seus moradores na inatividade, muitas vezes no abandono, sem lazer e sem vontade própria. (DURIGAN & QUEIROZ, 2005).

Tal fato pode ser constatado no discurso da previdência social, em que se observa uma associação entre velhice e perda da capacidade de trabalho, fazendo entender que ao se aposentar, o indivíduo instantaneamente torna-se incapaz de desenvolver qualquer atividade, ficando “encostado” (utilizando a expressão dos próprios segurados da previdência) até o fim de sua vida (HADAD, 1986).

No entanto, precisamos estar cientes do apregoado no Estatuto do Idoso (2003),

“Art. 26. O idoso tem direito ao exercício da atividade profissional, respeitadas suas condições físicas, intelectuais e psíquicas.”

Nós acrescentamos, ainda que o idoso têm direito a uma vida digna, tem direito a lazer, a integração e valorização social. Para isso a importância de um projeto que vise a ouvir, coletar e divulgar seus depoimentos. Sabemos que “a tradição oral é a origem de todas as manifestações do pensamento humano.

É por meio da palavra que se transmite de geração a geração, de povo a povo, uma cultura, alterando-se um pouco mais ou um pouco menos, mas sempre conservando os seus sentidos originais. É sabido que o homem primitivo conservava todos os fatos e todas as lembranças, por meio da tradição oral, como intenso colorido, graças a sua imaginação. “A imaginação tudo pode e tudo realiza” (PIAI e PACCINI, 2004, p. 45).

Sabemos que é na primeira infância que ocorre o maior desenvolvimento do cérebro, e ao chegar à terceira idade esse mesmo cérebro recheado de experiências, rico em sabedorias, guarda verdadeiras relíquias de um passado que se tornou história. História de vida e também de sua época, de seus antepassados e as histórias, de um modo geral, são fontes primorosas na reconstrução de ambientes, mentalidades, época e modo de vida.

Portanto, para se assegurar o respeito, preservar sua imagem, identidade e valores, é preciso valorizá-los, dar-lhes direitos a ter vez e voz, de expor o que pensam e sentem, a serem sujeitos de sua história, não esperando que somente os outros falem sobre eles, é preciso oportunizar-lhes o direito de contar, relatar sua história contida e não contada. Já que segundo Durigan & Queiroz (2005, p. 115), ‘o idoso é uma singularidade inscrita num processo histórico, com desejos e significações próprias.

Se o idoso tem sua singularidade, sua história, nada mais necessário do que ouvi-los, dar-lhe voz, por meio do registro de suas histórias, expectativas de vida, sua sabedoria popular, contribuir para elevação de sua autonomia, para sua integração com a sociedade, a conscientização, pois ao lermos/ouvirmos tais relatos, poderemos saber quem são e foram esses sujeitos, que contribuições nos trouxeram, que cultura internalizadas possuem e que

precisam ser resgatadas para não se perder no tempo e, assim, quem sabe, as pessoas poderão dar o devido valor a quem tanto já contribuiu para com essa sociedade e hoje são tão estigmatizados.

2. Alguns Relatos Dos Idosos E A Coleta De Dados

Com o objetivo de dar voz e vez aos internos do Asilo Santo Agostinho, estamos ouvindo e coletando suas histórias, ditados populares, causos, parlendas e relatos folclóricos visando a contribuir para o resgate da cultura popular da geração desses idosos.

Partimos do princípio de que a memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis - temporais, topográficas, individuais, coletivas - dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria, ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida (DELGADO, 2006).

Portanto, a história oral é um procedimento integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram de processos históricos ou testemunharam acontecimentos da vida privada ou coletiva. Não é história em si mesma, mas um dos possíveis registros sobre o que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória.

Nessa perspectiva, iniciamos a coleta de dados, ou seja, a coleta das histórias dos idosos no início deste ano de 2009. Dentre as histórias coletadas, traremos algumas para demonstração. Antes disso, destacamos as dificuldades em realizar na íntegra os objetivos propostos (que era a coleta de contos, causos, parlendas), tendo em vista as variações comportamentais desses idosos, as ausências de memórias, sendo seus assuntos preferidos suas histórias de vida, e suas angústias que por ali se encontrarem, não deixando fluir bem outras histórias que não sejam as suas próprias.

Entre os idosos com os quais gravamos entrevistas, destaca-se, José Alves de Queiroz, de 90 anos, é um saudosista apaixonado pelo seu tempo, muito falante, gosta de contar fatos de sua vida. É uma pessoa sábia, apesar dos poucos conhecimentos escolarizados, consegue driblar o mau humor, a depressão, consegue aceitar com bom humor as limitações da velhice, mas ainda tem desejos de realizações pessoais. A prova disso é que ainda deseja se casar novamente. Seu José é uma pessoa que demonstra querer continuar vivendo a vida em toda a sua plenitude, usufruindo daquilo que ela ainda pode lhe oferecer. É uma pessoa segura-de-si, apesar de instável, ou seja, passa de um assunto para outro, de um estado de alegria para momentos de melancolia, diz que os costumes antigos estão se acabando e fica triste por isso. Conta-nos que: antigamente na quaresma não comia carne e nem dançava baile, era como se estivesse de luto em respeito ao sofrimento de Jesus, festa só no sábado da aleluia, quando acontecia a malhação do Judas, boneco feito de pano representando o personagem bíblico que traiu Jesus. Era costume fazer brincadeiras com os amigos colocando um boneco (Judas) encostado em sua porta e, quando o amigo a abrisse, assustava-se as pessoas com o boneco, sendo que depois, por tradição, tinha que espancá-lo e queimá-lo. Para isso, reuniam-se os amigos e em lugar público malhava-o até destruí-lo e depois o queimava. Esse é um costume que está se acabando. O senhor José emociona-se ao falar do quartel, onde serviu o exército e onde se apaixonou pela primeira vez. Vem de uma família de dezoito irmãos, mas vivos hoje só tem ele e uma irmã, diz que sua mãe era sobrinha de seu pai.

Alice, uma senhora de 69 anos, quando fala do passado deixa transparecer, as características do envelhecimento, está sempre fazendo comparações do tipo: “no meu tempo

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 246-253	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

era melhor”, assim como o seu Zé, gosta de contar fatos de sua vida. Porém, tem tendência ao isolamento e à introspecção, talvez por ter vivido numa sociedade na qual nunca fora aceita pela vida que levava na juventude (Alice era prostituta). Naquela época, a rebeldia da juventude e a falta de opção de sobrevivência fizeram com que seguissem um caminho discriminado e cheio de exclusão.

É impressionante como ela se transporta para o passado e conta como aquela menina de apenas 17 anos pensava, os prazeres que sentia, foi uma época que, se não a fez feliz a deixava feliz, é uma pessoa extremamente bem humorada enquanto fala, dá boas gargalhadas, mas quando volta à realidade, fica triste, as lembranças da família a emocionam, conta que seus pais nunca aceitaram a sua opção de vida e hoje não tem nenhum contato com a família.

Vale ressaltar que muitos dos problemas psicológicos da velhice provêm de conflitos afetivos e frustrações correspondentes a épocas anteriores da vida. As dificuldades psicológicas se acumulam na velhice das pessoas que não viveram plenamente satisfeitas na juventude. “Uma vida adequadamente vivida constitui, um escudo contra os riscos psicológicos que a velhice comporta” (COSTA, 1998, p. 45).

Geralda, 73 anos, é uma pessoa muito interessante, de estatura muito baixa, tem apenas 1,15 m, muito higiênica com seu corpo, está sempre bem arrumada, de batom, perfumada, unhas esmaltadas, ela é impecável, cuida de si com muita auto-estima. Diz que na fazenda onde morava, trabalhava muito, que “socava” arroz no pilão e quando faltava chuva, era só rezar. Segundo ela, reuniam-se algumas pessoas e saíam pelos campos, lavouras em procissão com a imagem do santo devoto, velas acesas rezando o terço (cantado) e clamando por chuva.

Fala também das festas juninas de seu tempo, comenta que na noite de São João as moças faziam “simpatias” para saber com quem ia se casar, a simpatia mais comum era pular a fogueira com uma faca nova (virgem) na mão e em seguida fincá-la até o cabo em uma bananeira. No outro dia, antes que o sol nascesse, ao desenterrá-la, a pessoa encontrava gravada em sua lâmina as iniciais do nome do futuro marido. Outra simpatia infalível é escrever o nome de sete rapazes em papezinhos, enrolá-los e colocar em um prato cheio d’água em cima do telhado, e antes do raiar do sol, verificar se existe algum papelzinho aberto, se sim, este será o rapaz com quem a moça irá se casar. As simpatias deveriam ser feitas antes da meia noite e a revelação só acontecia antes do nascer do sol. Enquanto Geralda relata suas histórias, deixa transparecer saudades, um saudosismo, mas com alegria.

Aninha e Maria Auxiliadora ainda não pertencem à terceira idade, mas fazem parte dos internos do Asilo, por estarem em tratamento psicoterápico e não ter quem cuide delas. Aninha fala das festas de Santos Reis, seus rituais, suas tradições, diz que o povo se divertia e também rezava muito, pois o motivo principal das festas era a reza do terço, que era cantado e acompanhado por equipamentos musicais como sanfona, violão, cavaquinho entre outros instrumentos. As festas de Santos Reis era uma tradição, que acontecia como pagamento de promessas, as famílias realizavam a festa em prol de graças alcançadas. E se inicia com um grupo de pessoas (foliões) que saem em retirada (novena), cantando de casa em casa e pedindo prendas para a realização da festa que representa o nascimento do menino Jesus.

Aninha fala do Dilúvio, da arca de Noé, diz que Deus salvou um casal de cada espécie eliminando as pessoas ruins e se tem sofrimento hoje a culpa é de Adão e Eva, enfatiza. Surpreende-nos com seu repertório de versos e parlendas. No entanto, seu estado (mental) não deixa fluir bem, o que ela lembra é muito esfacelado. Quando falou das festas juninas, nos apresentou alguns versos que tivemos o cuidado de reconstruir algumas palavras para dar maior sentido.

Festa de São João

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 246-253	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

Eu pedi numa oração
Ao querido São João
Ele me atendeu de coração
Disse que tinha de ir à Festa de São João.

Se roupa nova botei
Pra dançar a noite inteira
É que desejo um bom par
Para pular a fogueira.

A mamãe então me fez
Uma roupa bem bonita
Pois à festa do arraial
Quero ir toda de chita.

Fiz um pedido com devoção
Que me desse um matrimônio
São João disse que não/bis
Isso é lá com santo Antônio.

Parlendas

A casinha da vovó
É coberta de cipó,
O café ta demorando
Com certeza não tem pó.

Se eu tivesse a certeza que
Você vinha aqui hoje,
Eu varria meu terreiro
E esparramava pó de arroz

Eu entrei na mata escura
Pra colher a flor cheirosa
Pra tira o meu amor
Do meio das invejosas.

Meu amor me deu o fora
Pensando que eu ia chorar,
Dei uma volta na fazenda
Arrumei outro no lugar.

Maria Auxiliadora fala de assombrações, sendo esse seu assunto preferido. Ela conta que quando criança via assombrações andando pela casa:

Eu morria de medo procurava me esconder debaixo das cobertas para não ver as assombrações, no entanto, quando eu descobria a cabeça, os vultos estavam por ali me atazanando, às vezes acordava assustada no meio da noite, gritando e chorando com muito medo, desesperada porque no meu sonho tinha monstros horríveis tentando me agarrar. Um dia me contaram que a fazenda onde morava, era mal assombrada, diziam também que existia ali um tesouro enterrado em algum lugar, e que por causa desse tesouro tinham acontecido ali muitas mortes. Depois disso as coisas só pioraram. Na quaresma tinha também as assombrações em forma de lobisomem, eu via tudo pelas frestas da janela, era um bicho enorme, peludo, preto tinha patas e unhas grandes, nossos cachorros ficavam assustados e furiosos. Sabe o que esse monstro comia? Cocô das galinhas embaixo do poleiro, diziam que lobisomem comia as crianças que não fossem batizadas. Por esse motivo, os pais procuravam batizar seus filhos antes da quaresma. Um dia meus pais resolveram mudar dessa fazenda fiquei feliz achando que me ia ver livre das assombrações, que nada! Apenas diminuíram, tem gente que fala que era sonho, será que era? A verdade é que somente eu via, ouvia, sentia, é possível sonhar acordada? Até hoje vejo vultos me atazanando. (recriação da narrativa oral).

Geraldo Pereira, 65 anos, fala sobre benzeção, diz que a cura depende da fé de quem está sendo bento. É ma pessoa solidária, sua maior preocupação é ajudar o próximo, essa vocação ou predestinação o acompanha desde criança, conta que seu pai também era benzedor e herdara dele mesmo esse “dom”, a oração tem o título de “O Sonho de Nossa Senhora”. Ele fala que quem a aprende, tem por missão praticá-la, diz que já curou inúmeras crianças do mal de “simioto”, segundo ele, esse mal são vermes que atravessam os poros e se concentra no corpo da criança, resalta que a criança vai ficando enfraquecida, perde o apetite, cresce a cabeça (incha) e, se não benzer, poderá vir a óbito, esses vermes não constam em nenhum exame médico, explica que são retirados do corpo da criança com azeite ou óleo de oliva

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 246-253	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

benzido, sob forma de massagens. Espalha-se o azeite pelo corpo da criança e os vermes vão saindo, conta que já houve vez de a mãe da criança desmaiar ao ver os vermes saírem do corpo de seu filho, enquanto ele benzia. Geraldo diz que já curou pessoas com depressão, e também alcoólatras por meio da benzeção.

Sebastião Feliciano, 65 anos, fala dos perigos da mata amazônica e da lenda do menino caçador. Segundo ele, quando era jovem trabalhou como seringueiro na bacia do Amazonas e comentava-se na região a lenda do menino caçador. Diziam que existiu há muitos anos, um menino filho de um grande caçador da região, influenciado por seu pai, queria ser como ele, ou seja, queria ser um grande caçador e certa vez, para provar sua coragem, entrara na mata sozinho, a mando de seu pai, prometeu que mataria a maior e a mais feroz onça que encontrasse em seu caminho. E foi o que aconteceu, dias depois, encontraram uma enorme onça morta com um tiro no peito e ao seu lado, o menino também morto com sinais de luta corporal. Há quem conta que, no meio da noite, se entrar na mata aparece o menino atirando na onça, e esta rosando, cambaleando no meio da fumaça, avança sobre ele e entre gemidos, em luta corporal, morrem os dois, o menino e a onça, tornando esse caso conhecido como a “Lenda do Menino caçador”.

Analisando os relatos desses depoentes verificamos o quanto o passado está presente em suas vidas, percebemos ainda o quanto essas memórias são importantes para eles, o idoso, ao contrário do jovem, que se projeta para o futuro, está no passado, o que o leva ao saudosismo, critica o presente e valoriza o passado com expressões do tipo; “no meu tempo era melhor” (COSTA, 1998, p. 12).

Observamos também, ao longo dos diálogos e entrevistas gravadas, que os idosos se revelam quase sempre instáveis. Nesse sentido, Preti, (1991, p. 28) complementa que, essa instabilidade é própria do processo de envelhecimento. Assim, podem passar de uma atitude de mutismo habitual para uma situação de grande loquacidade, quando tem oportunidade de se fazerem ouvir com atenção por seus interlocutores. Mas por outro lado, são nessas ocasiões que podem demonstrar insegurança. Não confiam no que dizem, por não terem a convicção de realizar um discurso interessante. Essa amargura reflete o processo de autodesvalorização, de subestima que constitui um dos estereótipos mais característicos do envelhecimento.

Considerações Finais

Mediante o exposto, é importante ressaltar que os idosos do Asilo Santo Agostinho são pessoas que merecem todo nosso respeito e valorização. Portanto, além de resgatar sua cultura e integrar o saber popular (o saber do idoso) para a sociedade, objetivamos que muitos possam refletir sobre esses depoimentos, fortalecendo, assim, a consciência da sociedade sobre a questão do idoso.

Destacamos também as dificuldades em realizar na íntegra os objetivos propostos, iniciais desta pesquisa tendo em vista as variações comportamentais desses idosos, as ausências de memórias, como já registramos no início, sendo seus assuntos preferidos suas histórias de vida, e suas angústias que por ali se encontrarem, não deixando fluir bem outras histórias que não sejam as suas próprias.

Mesmo assim, continuamos nosso desafio, transformando esse Projeto de Extensão a Projeto de Pesquisa, pois queremos continuar investigando e coletando mais história dos idosos e para nos instigar, buscamos na música de Gilberto Gil quando diz que 'o povo sabe o que quer/ mas o povo também quer o que não sabe'. Ninguém pode pretender que sabe o que o povo quer - nem Estado, nem nenhuma espécie de organização que se constitua em monopólio. Portanto, não podemos esperar que a sociedade valorize o idoso, que faça cumprir seus direitos, sem antes tentar mudar certas representações que se tem do idoso, a de que ele é

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 246-253	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

um não-ativo, não-feliz, não-autônomo, não-saudável, não-ocupado e, por isso, não tenha nada a contribuir com a sociedade.

Referências

BRASIL. *Estatuto do Idoso*: lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Brasília: Senado Federal, 2003.

COSTA, Elisabeth M. S. *Gerontodrama: a velhice em cena*. São Paulo: Àgora, 1998.

DELGAO, L. de A. N. *História oral: memória, tempo, identidades*. São Paulo: Autêntica, 2006.

DURIGAN, M. & QUEIROZ, I. A. Discurso sobre a velhice: da campanha da fraternidade ao Estatuto do idoso. In: GUERRA, V. M. L. *Olhares interdisciplinares na investigação sobre linguagem*. Cuiabá: Editora Unemat, 2005.

HADAD, E. G. M. *A ideologia da velhice*. São Paulo. Cortez, 1986.

PIAI Arlete; PACCINI, Maria Júlia. *Viajando pelo folclore de norte a sul*. São Paulo: Cortez, 2004.

PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 246-253	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------